

Auto-retrato, de João Melo: reflexos de um poeta afinado com o seu tempo

ÉRICA ANTUNES PEREIRA¹
Universidade de São Paulo

Priméira das cinco antologias poéticas de João Melo que serão editadas pela Editorial Caminho, *Auto-retrato*, publicada em 2007, reúne 44 poemas e fragmentos de prosa voltados, como prenuncia o título, para uma linha lírico-intimista caracterizada pelo vínculo com a memória, a infância, os laços familiares e o cotidiano. Mas não é só: a tais elementos agrega-se a preocupação com o fazer literário, como no poema “Duas lições”:

Todos os materiais servem ao poeta:
o som de um tambor,
a angústia de uma mulher nua,
a lembrança de uma utopia.

A vida deposita, diariamente,
no altar profano da poesia,
a sua dádiva generosa:
estrelas e detritos.

E tudo a poesia sacrifica. (p. 10)

O “procedimento da metalinguagem” é tão marcante e reiterado que, conforme afirma Tania Macêdo no posfácio à obra, “chega a constituir um tema” e faz de *Auto-retrato* “uma galeria de retratos poéticos que compõem a paisagem da unidade do fazer artístico do escritor” (p. 76).

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Os verbos, na maioria dos poemas, são empregados no presente do indicativo, traduzindo uma espécie de perenidade que pode se tornar paradoxal se, concomitantemente, for abordado, por exemplo, o tema da finitude da vida humana, caso do poema “A minha avó Merceana”:

A minha avó Merceana pensa ter vivido o bastante,
mas a vida mesmo acha que não.
Todas as noites talvez ela tenha desejos suicidas,
grandiosos ou sombrios,
mas é implacável o tempo que a sustém.
Quão lenta é a morte! – deve ela exasperar-se.
Nós, que a amamos como se ama
a própria carne,
não gostamos de saber
que um dia ela nos deixará.
Mas é implacável o tempo
que celeremente a está levando... (p. 62)

Outra recorrência é o uso dos dois-pontos, uma estratégia para transitar entre a exposição e a definição do eu poético – que, algumas vezes, esbarra propositalmente na biografia do autor – e/ou de situações, reafirmando, mais uma vez, o título da obra. É o que notamos em “Os tambores anunciam a caçada”:

Aqui estou eu: trinta e quatro anos
um pai-mito, um irmão-soldado,
duas filhas e certas mulheres
por quem ainda espero.
[...]
Eis as minhas armas:
azagaias de memória,
uns poemas tacteando no escuro. (p. 60)

Em *Auto-retrato*, o silêncio dialoga com a capacidade de observação e dá passagem tanto para a epifania quanto para a intertextualidade, o que vemos em poemas como “A minha casa” e “Penélope no trem”:

Eu entro e saio todos os dias da minha casa,
mas só a vejo em dias como hoje,
quando ela está vazia e silenciosa. (p. 32)

No trem entre Queluz e Lisboa
uma mulher tricota. A malha ou
os seus pensamentos? Uma sombra opaca
reluz no seu olhar absorto.

[...]

(E em casa não a espera Ulisses,
mas José.) (p. 68-69)

Os espaços apresentados na coletânea normalmente refletem o aconchego familiar, mas também podem sinalizar o novo, fato que verificamos, por exemplo, no poema “Os livros”:

Não conhecemos estes lugares
ou compulsivamente
os revemos. Paisagens
inusitadas, absurdas,
mesmo se alguma vez as frequentámos
com nossos olhos e bagagens. (p. 33)

Essa proposta de inovar confirma a pertença de João Melo à chamada “Geração de 1980”, que, entre outras características, apresenta uma poesia mais contornada pela subjetividade e pela preocupação estética que aquela dita empenhada na luta pela construção nacional. Nessa senda, podemos afirmar que *Auto-retrato* reflete um sujeito poético que, em não raras ocasiões, confunde-se com o próprio poeta, e, graças à aguda lapidação da palavra, ilumina também o projeto literário que faz de João Melo um autor afinado com o seu tempo.

Referência Bibliográfica

MELO, João. *Auto-retrato*. Lisboa: Caminho, 2007.